

## INQUÉRITO PÁGINA DOIS

### João Duque: “Não sou um exterminador da TAP mas é preciso fazer perguntas”

O professor do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa (ISEG) apela a que não se corte “de uma forma cega” na TAP e espera que plano de reestruturação que será apresentado até quinta-feira a torne numa companhia “eficiente”.



**Helena Pereira**

5 de Dezembro de 2020, 8:30



Foto

João Duque NUNO FERREIRA SANTOS

### **A TAP que sair desta reestruturação será viável na concorrência com as gigantes europeias e com as *low cost*?**

Hoje a TAP é uma pequena companhia, já está entre as gigantes e as *low cost*, e ficará mais pequena. Fala-se nos 88 aviões. Mas há aspectos muito importantes como ter uma



presença em determinados mercados com os quais temos uma ligação cultural muito forte, como Brasil, Angola, EUA ou Canadá. Outro aspecto muito importante é fazer com que a companhia esteja integrada num grupo de empresas que possam ir de todo o lado a todo o lado de uma forma eficiente. E por isso há que direccionar a TAP para determinados segmentos.

Não se deve cortar [na TAP] de uma maneira cega. A lógica não deve ser cortar para matar mas para sobreviver. Não sei se vai funcionar, mas acredito que o plano de reestruturação seja feito para deixar a empresa a funcionar de forma eficiente, nomeadamente para pagar os custos da sua existência, serviço da dívida e ainda a remuneração do capital investido.

### **Os despedimentos são inevitáveis?**

É evidente que são inevitáveis. Quando há uma diminuição de aviões, tem que se reduzir as pessoas necessárias para operar e manter os aviões. Mais de 50% do pessoal da TAP está afecto ao pessoal aéreo.

### **Houve uma gestão acima das possibilidades?**

Das possibilidades económicas da companhia, não tenho dúvidas nenhuma. Em 11 anos, só houve um ano de lucro. A empresa foi apanhada numa situação de acumulação de prejuízos e aparente desproporção entre recursos que usa e receitas que gera. Será que os colaboradores da empresa que também são accionistas acreditam tanto assim nela que estão dispostos a acompanhar a exigência de capital da empresa?

A decisão de o Estado apoiar a TAP foi feita com base em nada a não ser num princípio político de acudir a uma empresa que se considera especial. Especial em quê? Pode-se considerar que algumas rotas são estrategicamente importantes, mas mais nenhuma companhia as podia fazer? Os turistas deixarão de vir a Portugal, se não usarem a TAP? Eu estou a fazer perguntas, não estou a dar respostas.

Eu não estou a ser um exterminador da TAP, mas acho que é lícito fazer as perguntas e a resposta que me dão é que a TAP é muito importante e representa muito para Portugal. O que é que ela faz que outros não podem fazer e que ponha em causa a soberania nacional? Aí, eu posso responder e defendo até a ideia que nós devemos ter uma companhia de aviação porque me faz impressão perdermos as competências todas.

Qualquer dia nem sequer sabemos fazer barcos! É importante não estarmos tão dependentes do exterior. Mas tem que ser de acordo com um modelo de negócios adequado e que não seja constantemente de prejuízo.

### **Acha importante que haja uma companhia aérea portuguesa?**

Deve haver uma companhia portuguesa, privada ou não privada, mas adequada à dimensão. Quando deixarem de estar dependentes de apoios, financiamentos, o que seja, são absolutamente livres de dizer que não temos *uniqueness* nenhuma mas também não pedimos nada a ninguém.



A remuneração média das pessoas que trabalham nesta companhia em 2019 foi de 3682 euros/mês. Os portugueses têm o direito de perguntar se devem fazer o investimento que lhe estão a pedir com a expectativa de remuneração que neste momento é zero. Para quê? Qual é o retorno?